

## Juventude e violência: páginas que sangram<sup>1</sup>

Francisca Meiriane da SILVA<sup>2</sup>  
Felipe de Freitas CARNEIRO<sup>3</sup>  
Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES<sup>4</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Mossoró – RN

### RESUMO

Os jornais são considerados pelo público como o meio de comunicação mais confiável, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. E as fotografias têm um papel muito importante na credibilidade dos jornais, pois são consideradas como um testemunho da realidade por muitas pessoas. No entanto, sabemos que a fotografia não consegue abarcar toda a realidade, sendo apenas um recorte da mesma. Dessa forma, o presente artigo traz reflexões acerca dos possíveis sentidos produzidos pelas fotografias de jovens em situação de violência trazidas pelo jornal *O Mossoroense* em suas matérias de capa, analisando como esses jovens são representados pela mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Jovens; O Mossoroense; Violência.

### Introdução

A mídia tem um importante papel na sociedade, servindo para informar, entreter, denunciar, propagar ideias e até educar. Dessa forma, a mídia pode influenciar na tomada de decisões, nas políticas públicas, nos padrões de beleza e de comportamentos, assim como ditar os assuntos que serão debatidos na sociedade. O jornal impresso é considerado pela população como o meio de comunicação mais confiável, segundo a *Pesquisa*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: meiri10008@gmail.com.

<sup>3</sup> Discente do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: felipe\_fcarneiro@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) e do Departamento de Comunicação Social (DECOM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Líder do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais. Email: marciliamendes@uol.com.br.

*Brasileira de Mídia 2015*<sup>5</sup>, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

Na representação da realidade, as fotografias dos jornais desempenham um papel de destaque, pois são geralmente associadas à verdade, servindo como um testemunho da realidade. Porém, segundo Kossoy (2002, p. 37), as fotografias apresentam uma segunda realidade, ou seja:

*A segunda realidade é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o suporte no qual esta imagem se encontra gravada. O assunto representado é, pois, este fato definitivo que ocorre na dimensão da imagem fotográfica, imutável documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo (KOSSOY, 2002, p. 37, ênfase do autor).*

Devido à importância das imagens, decidimos analisar as fotografias de jovens em situação de violência de nove edições do jornal *O Mossoroense*<sup>6</sup> no período que compreende os anos de 2011 a 2013 para investigar os possíveis sentidos produzidos por essas fotografias. O nosso estudo também recai sobre os títulos, legendas e textos que acompanham a fotografia, pois o discurso não é formado apenas pela imagem, mas sim por todos os elementos que a acompanham e que atribuem sentidos às fotografias, podendo direcionar o leitor para determinadas interpretações.

Através da descrição e interpretação dos discursos das fotografias, analisaremos como a imagem dos sujeitos dessas fotografias é construída. Utilizaremos como metodologia a Análise do Discurso de orientação francesa, pois procuramos identificar os possíveis sentidos produzidos pelos discursos das fotografias, sabendo que as fotografias podem gerar diferentes interpretações, levando em consideração também o contexto. Não é nosso objetivo fazer qualquer julgamento do jornal, mas apenas identificar os possíveis sentidos produzidos pelo discurso das fotografias.

Observamos que as fotografias de violência despertam a atenção das pessoas e que essas imagens, muitas vezes, são usadas, tanto em jornais, como em televisão e internet, de uma forma exagerada, espetacularizada, podendo gerar uma insensibilidade nas pessoas, que de tanto verem essas fotografias, acabam se acostumando com o sofrimento do outro. De acordo com Sontag (2003, p. 23, 24), “a caçada de imagens mais dramáticas (...) orienta

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

<sup>6</sup> “Foi fundado em 1872 [...], atualmente um dos quatro mais antigos do país e o mais antigo do Rio Grande do Norte ainda em circulação” (NASCIMENTO, 2002, p. 102).

o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor”. Dessa forma, além de se tornar comum a publicação de imagens chocantes, como elas atraem a atenção do público, elas também geram lucro. Mas, o que precisa ser observado é a questão ética, até que ponto uma imagem pode ser veiculada? Quem tem os direitos sobre a imagem? São questões que precisam ser debatidas para que o jornalismo possa cumprir sua função de forma ética.

### **A imagem na construção do sujeito**

No jornalismo, o uso de fotografias é cada vez maior para chamar a atenção do público. Segundo Barthes (1990, p. 311), antes era a imagem que vinha ilustrar o texto, hoje é o texto que vem dar significado à imagem. Assim, a imagem torna-se cada vez mais importante. Dessa forma, quando vamos analisar a fotografia, se faz necessário também analisar os textos que as seguem, pois eles dão um significado à imagem ou pelos menos direcionam o leitor para uma determinada interpretação.

A imagem é tida por muitas pessoas como um testemunho, como verdade, como inquestionável. Porém, sabemos que ela é apenas um recorte da realidade. Para Carlos e Mendes (2013), as “fotografias são recortes do real, produzidos de acordo com condições técnicas (iluminação, enquadramento, edição) e com a intenção do próprio fotógrafo, sua subjetividade fala até mesmo quando sua intenção é reproduzir um espelho da realidade” (CARLOS; MENDES, 2013, p. 6). Portanto, as fotografias sempre são resultado de uma produção e de uma intenção do fotógrafo.

Dessa forma, o ângulo escolhido, os personagens fotografados, a posição que eles ocupam na imagem, a iluminação, o foco, tudo contribui para levar o leitor a uma determinada interpretação. Porém, é importante lembrar também que, dependendo do repertório de conhecimento de mundo que o leitor carrega e do contexto em que ele vive, as interpretações podem ser diferentes das que a produção da fotografia induz. Logo a imagem já é polissêmica, assim, uma mesma fotografia pode despertar diferentes interpretações.

Muitas pessoas prestam mais atenção nas imagens que circulam na mídia (jornal, televisão ou internet) do que nos textos. Lembrando que algumas pessoas não são alfabetizadas, por isso vão olhar somente as imagens. Também devemos levar em consideração que há gestos, expressões faciais e emoções que as palavras não são capazes de traduzir. Assim, de acordo com Bittencourt (1998):

Fotografias apresentam o cenário no qual as atividades diárias os atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos. Existem estudos sobre os detalhes tangíveis representados em fotografias que permitem a elucidação de comunicações não verbais tais como um olhar, um sentimento, um sistema de atitudes, assim como mensagens de expressões corporais, faciais, movimentos (*kinesics*) e significados de relações espaciais entre pessoas (*proxemics*) e padrões de comportamentos através do tempo (*chrometrics*). Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo (BITTENCOURT, 1998, p. 199-200, ênfase da autora).

Quando publicada uma imagem, sua repercussão é incalculável. Assim, depois de divulgado uma fotografia, é praticamente impossível desfazer a publicação, pois com a internet e com as redes sociais, o alcance é mundial, qualquer pessoa do planeta pode ter acesso à imagem. Em *A Câmara Clara*, Barthes (1984) afirma que:

Não sei o que a sociedade faz de minha foto, o que ela lê nela (de qualquer modo, há tantas leituras de uma mesma face); mas quando me descubro no produto dessa operação, o que vejo é que me tornei Todo-Imagem, isto é, a Morte em pessoa: os outros – o Outro – desapropriam-me de mim mesmo, fazem de mim, com ferocidade, um objeto, mantêm-me à mercê, à disposição, arrumado em um fichário, preparado para todas as trucagens sutis [...] (BARTHES, 1984, p. 28-29).

Portanto, a partir do momento da publicação de uma imagem, perde-se o controle sobre sua divulgação, visto pode ser visualizada por inúmeras pessoas em todo o mundo. Dessa forma, o jornalismo tem que ter responsabilidade com as fotografias divulgadas, evitando que elas possam causar problemas às pessoas.

### **O poder da mídia**

A mídia está presente em nosso dia a dia de várias formas: rádio, TV, jornal, internet, etc. Assim, muitas pessoas acreditam no que a mídia apresenta sem questionar, principalmente os indivíduos que se informam apenas por uma fonte. Além de que ela também agenda debates na sociedade, colocando em pauta os temas que serão discutidos. Mendes e Oliveira (2014) afirmam que:

Na contemporaneidade, a mídia pode ser considerada como a lente pela qual a sociedade passa a ter conhecimento sobre os acontecimentos cotidianos que a cercam e lhes são inerentes. Dia a dia, os mais diferentes meios (televisivo, radiofônico, virtual, etc.) ofertam a seus receptores uma gama incontável de notícias que buscam dar conta dos fatos e acontecimentos, indo desde os corriqueiros aos mais raros, sob uma ótica particular fortemente marcada por questões ideológicas e relações de poder (dadas questões políticas e editoriais) (MENDES; OLIVEIRA, 2014, p. 617).

Dessa forma, todos os dias a mídia nos apresenta uma infinidade de notícias que buscam representar a realidade. No entanto, o processo de produção das notícias é influenciado pelas ideologias dos veículos e pelas relações de poder, pelos constrangimentos organizacionais que afetam a seleção do que virá a ser notícia e do que será descartado.

Para Orlandi (1999) “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 17). Assim, através do discurso da mídia, a mesma manifesta suas ideologias podendo influenciar muitas pessoas. Ainda segundo Orlandi “é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 1999, p. 38).

Tomando conhecimento dos fatos de forma mediada, não podemos observar todos os detalhes que ocorreram. É importante ressaltar que o não dito, o que a mídia silencia, também diz muito. Segundo Orlandi (1999), “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 1999, p. 82). Também é importante lembrar que muitos assuntos deixam de ser veiculados, seja porque não foram escolhidos de acordo com a linha editorial do jornal ou porque não se tornaram conhecidos pela equipe de jornalismo, assim, o público não toma conhecimento desses acontecimentos.

### **Jovens marginalizados pela sociedade**

Jovens que vivem em situações precárias, na miséria, em meio à violência, muitas vezes, dentro da própria casa, sem orientação, abandonados pela família, sem uma escola de qualidade que os orientem e os acolham, dificilmente terão condição de conseguir alcançar uma vida digna. São jovens que foram abandonados, muitas vezes, pelos próprios familiares e também pelo Estado. E ainda são marginalizados pela sociedade que os excluem.

Diante dessa realidade não é difícil imaginar que alguns desses adolescentes se envolvam no mundo do crime. Outro fator que os leva também para o lado do crime é o consumismo. A publicidade está cheia de apelos ao consumo de bens supérfluos. Sem melhores oportunidades de emprego, muitos jovens acabam se envolvendo no mundo do crime para conseguir se adequar aos padrões de consumo existentes na sociedade.

Além de serem excluídos pela sociedade e abandonados pelo poder público, os jovens em situação de vulnerabilidade social são considerados um possível perigo para a sociedade. Assim, as pessoas “de risco” são indivíduos de baixa renda, como se a periculosidade estivesse no DNA da pessoa pobre. Tavares (2009) afirma que:

[...] no Brasil, chegamos ao século XX com a “Missão Patriótica” da elite científica de instauração de uma Nação Moderna a partir do saneamento moral do país. Tal missão se atualiza por meio das Políticas de Assistência Social. Estas têm nos projetos sociais de atendimento à infância empobrecida seu principal expoente. Coimbra e Nascimento (2005) nos auxiliam na compreensão de que a pobreza é percebida e tratada na sociedade moderna como possuidora de uma “moral duvidosa”, transmitida hereditariamente, pertencente a uma classe “mais vulnerável” aos vícios e às doenças. Seus filhos devem ser afastados dos ambientes perniciosos, como as ruas. Assim, os pobres, considerados “viciosos”, são portadores de delinquência, são libertinos, maus pais e vadios, representando um perigo social que deve ser erradicado (TAVARES, 2009, p. 126).

Quando um jovem de baixa renda comete um crime, a repercussão é muito maior do que quando o crime é praticado por um jovem de classe alta. A forma como a mídia descreve e mostra o jovem é diferente. “Bandido”, “criminoso”, “elemento” são algumas das formas de como os indivíduos pobres são chamados. Já quando é uma pessoa de classe alta, há toda uma preocupação, pois, geralmente, o indivíduo está acompanhado de seu advogado, assim, sabe de seus direitos, está protegido. As instituições (Igreja, Estado, Escola, etc.) controlam a vida dos indivíduos, pois segundo Berger e Luckmann (2001) “as instituições, pelo simples facto de existirem, também controlam a conduta humana estabelecendo padrões de conduta predefinidos” (BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 66). Ainda segundo os autores “dizer que um segmento da actividade humana foi institucionalizado já é dizer que ele foi submetido ao controle social” (BERGER; LUCKMANN, 2001, p.67). Mas, percebemos que a atenção das instituições de controle volta-se, principalmente, para as pessoas consideradas “de risco”, àqueles indivíduos que podem vir a ser perigosos para a sociedade, ou seja, as pessoas pobres.

### **Análise das fotografias de crianças e adolescentes vítimas de violência nas páginas do jornal *O Mossoroense***

Diante do preconceito existente em relação aos jovens em situação de vulnerabilidade social e observando que as páginas dos jornais estampam frequentemente imagens de adolescentes envolvidos em crimes e suas mortes, decidimos analisar as fotografias de jovens vítimas de violência veiculadas pelo jornal *O Mossoroense*.

A primeira fotografia escolhida foi da capa do dia 6 de novembro de 2012, com o título ‘*Adolescente executado no bairro Aeroporto*’, como mostra a fotografia abaixo:



Adolescente executado no bairro Aeroporto

Na fotografia da capa aparece o policial de costas em primeiro plano, chamando a atenção para o nome “Polícia Militar”. Em segundo plano vem a imagem do rosto do adolescente com sangue no chão e peritos analisando a cena do crime. Ao fundo podemos ver também a cor vermelha da sirene do carro da polícia. Assim, nesta o destaque maior está na figura da polícia. O título da matéria diz que o adolescente foi “executado”, dando a entender que se trata de um acerto de contas, uma punição. Já no texto fala que o jovem foi assassinado. A matéria diz que o adolescente tem 15 anos, mas mesmo assim, o identifica, trazendo o nome completo da vítima, apelido, bairro e rua. O texto afirma que a população informou aos policiais que o jovem já tinha sido preso por envolvimento com drogas.

A segunda fotografia analisada foi do dia 15 de setembro de 2011, intitulada ‘Adolescente assassinado a tiros no Alto de São Manoel’, como mostra a imagem abaixo:



Na fotografia da capa, o policial também aparece em primeiro plano e o adolescente em segundo plano, com populares ao fundo olhando a cena. Logo abaixo tem três fotografias menores com imagens da viatura, policiais e a população na primeira. Na segunda aparecem pessoas chorando, possivelmente familiares do jovem e na terceira fotografia aparece a vítima sendo levada. Até aqui o que chama a atenção é que sempre a polícia está em primeiro plano e a vítima em segundo plano. Na fotografia da capa a imagem do jovem assassinado aparece um pouco embaçada e dentro do caderno já aparece mais nítida e mostra melhor as pessoas observando a cena do crime. Na fotografia da capa já aparece o nome do bairro e no texto da matéria, o jovem é identificado, mesmo

informando que ele ainda tem 17 anos. Também é identificada a rua onde ele morava e o apelido do mesmo. A matéria diz que ele era um “velho conhecido da polícia”, novamente dando a entender que o assassinato seria uma punição.

A terceira fotografia escolhida foi da edição de 16 de agosto de 2011, com o título ‘Tio acusado de espancar até a morte sobrinha de 10 anos’, como mostrada a seguir:

### **TIO ACUSADO DE ESPANCAR ATÉ A MORTE SOBRINHA DE 10 ANOS**

HELENA SOARES FOI ENCONTRADA AGACHANDO COM ESCORIAÇÕES PELO CORPO. FAMILIA ATREVEU CENIR A ALEXANDRE SOARES, QUE SOBEA APUNHADEADO PELA GAROTA.



Como parte normal da programação de trabalho que envolve trabalho diário para manter a ordem. Em meio ao tumulto houve violência de pessoas que se moviam com o objetivo de obter fotos.

A fotografia da capa, em plano geral, mostra a multidão de pessoas que foram à delegacia, onde o suspeito do crime estava preso, tentar linchar o acusado. E do lado esquerdo superior tem a fotografia da criança que foi morta. Neste caso, observamos que, como a vítima ainda é uma criança e não tem envolvimento com drogas e/ou crimes, há todo um clima de revolta. Há uma maior preocupação em saber da polícia sobre as investigações do assassinato. Neste caso a idade e o nome completo da garota também são identificados. A reportagem é bem maior do que as anteriores, falando sobre a revolta dos populares e sobre os possíveis motivos do assassinato.

A quarta fotografia analisada foi da edição do dia 18 de abril de 2012, trazendo como título ‘Adolescente morto no bairro Santo Antônio’, como mostra a imagem abaixo:





A imagem da capa coloca como foco o corpo do rapaz, dos joelhos para cima, em primeiro plano, utilizando-se de uma luz, provavelmente da câmera do repórter, deixando os demais elementos da cena em escuro. Percebemos que há toda uma produção da fotografia da capa. Logo no título, já identifica o bairro onde o garoto residia.

A quinta fotografia analisada foi da edição do dia 18 de setembro de 2013, trazendo como título *‘Adolescente morto por justiceiro após assaltar mulher no Centro’*, como mostra a imagem abaixo:

## **Adolescente morto por justiceiro após assaltar mulher no Centro**

O jovem de 17 anos foi atingido por tiro disparado por um desconhecido que passava no local e viu ele tentando fugir com os pertences da vítima.

Página 1 (Continuação)



A sequência do crime aconteceu por volta das 15h40 e, de acordo com investigadores, o rapaz estava armado com um revólver calibre 32.

Neste caso, chama bastante atenção que o indivíduo que assassinou o adolescente é chamado de “justiceiro”, como se o jovem merecesse morrer por ter tentado assaltar. No caderno de Polícia, o adolescente é identificado, o texto divulga nome completo e idade do jovem. Outro ponto que chama a atenção é que no caderno, aparece a fotografia do rapaz ainda vivo com a seguinte legenda: “Jackson Vieira, assassinado ...” e depois do assassinato tem a fotografia do rapaz morto e com a legenda dizendo: “... após assalto no centro da cidade”. As duas imagens com as legendas parecem indicar o destino de quem comete assalto, a morte. Dessa forma, é como se o assassinato do adolescente fosse um tipo de punição por ele ter praticado assalto. No texto da matéria também fala que o jovem já tinha passagem pela polícia. Seja pelas perguntas dos repórteres ou pelas respostas da polícia, sempre que os jovens envolvidos em algum crime são assassinados, falam que eles já eram envolvidos em algum crime, passando a ideia que seria menos um criminoso nas ruas.

A sexta fotografia que escolhemos foi da edição do dia 19 de julho de 2011, intitulada *‘Adolescente assassinado a tiros por dupla no bairro Lagoa do Mato’*, como podemos ver na imagem a seguir:



**ADOLESCENTE ASSASSINADO A TIROS POR DUPLA NO BAIRRO LAGOA DO MATO**  
Atentado que resultou na morte de Enoch Freitas Neves Júnior, 16, deixou outras duas pessoas feridas na tarde de ontem.

Na fotografia da capa do jornal, a sirene da polícia aparece destacada em primeiro plano e o adolescente morto aparece em segundo plano. A imagem da sirene está um pouco embaçada, já a imagem do rapaz aparece nítida. No texto é identificado o rapaz, com nome completo, idade, rua e bairro. Neste caso, o rapaz era usuário de drogas, mas não era envolvido em crimes. O corpo do jovem está próximo à viatura dos policiais, assim, destacando novamente a figura da polícia.

A sétima fotografia analisada foi do dia 24 de julho de 2013, com o seguinte título ‘Adolescente assassinado e criança de três anos ferida à bala no Santo Antônio’. Mas, nesta edição a fotografia não aparece na capa, somente no caderno. Na capa aparece somente o título. No caderno de Polícia tem a seguinte fotografia:

Violência

## Adolescente morto a tiros e criança ferida por bala perdida no bairro Santo Antônio

Lucas Barbosa estava na rua Francisco Pascoal quando foi surpreendido por dois elementos em uma motocicleta

Dois elementos em uma motocicleta encostaram na tarde de ontem um adolescente de 16 anos, dentro de uma vila no bairro Santo Antônio. Lucas Barbosa, conhecido por “Chichico”, foi assassinado na rua Francisco Pascoal. Uma criança de três anos foi ferida por uma bala perdida e socorrida para o Hospital Regional Tarcísio Maia (HRTM), mas não corre risco de morte. Segundo informações repassadas pela Polícia Militar, por volta das 18h o adolescente estava sendo na calçada da Vila Targino quando dois elementos em uma

moto chegaram estranho. Para tentar escapar, o jovem entrou correndo na vila, mas foi alcançado pelos criminosos. Durante a perseguição, uma criança de três anos que brincava no fundo da vila foi atingida por uma bala perdida. Os acusados fugiram e não foram identificados. Apolicial foi diligente, mas ninguém foi detido. Alinda de acordo com a PM, moradores informaram que “Chichico” era envolvido com drogas e recentemente teria prestado depoimento à Polícia Civil, onde teria confessado participação em dois homicídios, o



Lucas Barbosa, morto a tiros.

que poderá ocasionalmente ser investigado pela

Identificado

### Fugitivo mossoroense morre em confronto com equipes da polícia

Um dos criminosos mortos no confronto com policiais civis e militares, na última segunda-feira, na cidade de São Gonçalo do Amarante, região metropolitana de Natal, era natural de Mossoró e foi identificado com Steven Magayyer Almeida de Moura, fugitivo da Cadeia Pública Paricuruano Oreste de Souza. O corpo de Moura não foi encontrado.

minoso e por volta das 18h identificaram um veículo suspeito, saindo de uma residência no bairro Sumbura. ARSENAL. Ao abordar o carro, foi verificado que os ocupantes tratavam-se de três bandidos já conhecidos pela polícia identificada como Alan, Johny da Cruz Silva, El-Alexandro Ferreira Barbosa da Silva e

O nome do adolescente já é identificado no subtítulo. No texto tem o apelido do rapaz e a rua onde morava. Na fotografia o branco da roupa do adolescente contraste com seu sangue. Segundo o texto, os moradores informaram que o jovem era envolvido com drogas.

A oitava fotografia analisada foi da edição de 27 de julho de 2012, intitulada ‘Garota estrangulada por ex-amante da mãe’. A fotografia da capa mostra em plano geral as equipes do Corpo de Bombeiros e do Instituto Técnico e Científico de Polícia (Itep) que

foram ao local onde foi encontrado o corpo da garota para remover o corpo e traz mais duas fotografias menores com o rosto da menina e o rosto do acusado coberto com capuz, como podemos ver na imagem abaixo:



Esta fotografia é semelhante à terceira imagem analisada, como também o texto da matéria, pois nelas as vítimas não tinham envolvimento com drogas e/ou crimes, assim teve um tratamento diferenciado, percebe-se uma comoção por suas mortes. Observamos que nesses casos, as matérias são mais longas, com mais detalhes, inclusive das investigações sobre os crimes, o que não se percebe quando as vítimas são envolvidas com drogas e/ou crimes.

A nona fotografia analisada foi da edição de 16 de junho de 2011 e traz na capa uma imagem de cédulas sujas de sangue, como podemos observar abaixo:



As cédulas manchadas de sangue traz uma relação entre o dinheiro do crime e a morte, ou seja, aquela conhecida frase, “o crime não compensa”. Dentro do caderno, no corpo da matéria, tem três fotografias mostrando o que foi apreendido com os menores pela polícia.

Dinheiro, uma arma e celulares foram encontrados pelos policiais com os jovens. São dois jovens que, segundo o texto, participaram do confronto com a polícia. Um de 15 anos, que foi identificado com o nome completo e foi morto e outro de 14 anos, não

identificado pelo nome foi gravemente ferido. Os adolescentes são chamados no texto de “elementos”. Os objetos e o dinheiro apreendidos são organizados a fim de comprovar os assaltos praticados pelos adolescentes.

A décima e última fotografia analisada traz estampada na capa do jornal do dia 27 de março de 2011, especial de domingo, uma imagem de um garoto com uma tarja preta, deixando aparecer somente os olhos, como se a tarja fosse um capuz que os criminosos utilizam para não serem identificados. Como podemos ver na imagem abaixo:



O título diz: *“Quando a adolescência vira uma arma”* e o subtítulo afirma: *“Vítimas do desequilíbrio social e ausência de base familiar, adolescentes aproveitam a proteção garantida por lei para consumir drogas, roubar e ceifar vidas. Matéria especial mostra a opinião de especialistas com relação à triste realidade que massacra a sociedade brasileira”*.

O corpo da matéria, no caderno de Polícia, começa falando de diversos tipos de crimes, como sequestros, assassinatos e assaltos e diz que segundo as estatísticas policiais esses crimes vem aumentando, principalmente os praticados por menores de idade, que segundo o jornal, “se veem protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)”. No decorrer da matéria o jornal traz a opinião de um advogado que fala das facilidades da legislação brasileira e também traz a opinião de um psicólogo que fala da ausência dos pais na educação dos filhos. A matéria traz a fotografia de uma menina de 13 anos assassinada por outra adolescente. A imagem da menina assassinada é chocante. O vermelho do sangue contrasta com o branco do que seria um lençol ou um papel branco. O texto faz uma crítica ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) quanto às penas brandas, mas não aborda os direitos assegurados pelo estatuto, que não são cumpridos pelo Estado como deveria.

Há muitas críticas ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como se o ECA “acobertasse” os menores de idade. Mas, geralmente, a mídia quando mostra os crimes não

reflete sobre as causas do problema da violência e não aborda os direitos que estão assegurados pelo ECA e que o Estado não garante a esses jovens. Assim, o Estado não garante os direitos, mas cobra e pune os adolescentes de baixa renda.

No capítulo I, artigo 7 do ECA, que fala sobre o direito à vida e à saúde, afirma que “a criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” (ECA, 1990). Mas, na prática, os jovens pobres são abandonados pelo Estado.

No capítulo II do ECA, que fala sobre o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, o artigo 15 afirma que “a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (ECA, 1990). Quando são julgados por crimes que praticaram, os adolescentes são julgados pela sociedade como se fossem adultos, não levando em consideração que ainda estão em processo de formação, de aprendizagem.

Mais adiante, os artigos 17 e 18 do ECA afirmam que:

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais (ECA, 1990).

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor (ECA, 1990).

O direito à preservação de sua imagem também é assegurado pelo ECA, mas muitas vezes, vemos na mídia imagens de adolescentes expostos, causando constrangimentos a eles e a seus familiares e amigos.

*O Mapa da Violência 2014: Os Jovens do Brasil*<sup>7</sup> mostra que o Rio Grande do Norte foi o estado onde as taxas de homicídios mais cresceram entre a população total. Diante dessas estatísticas é fundamental analisarmos como as imagens desses jovens estão sendo construídas pela mídia local. Nas fotografias analisadas do jornal *O Mossoroense*, as que mostram os adolescentes mortos, podem causar constrangimentos a seus familiares, pois são imagens fortes, imagens que ferem os direitos desses jovens, que já sofreram o

---

<sup>7</sup> WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014: Os Jovens do Brasil**: CEBELA, 2014. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf). Acesso em: 25 out. 2015.

bastante e ainda quando morrem de uma forma violenta, são expostos pela mídia. A imagem construída desses adolescentes, são de sujeitos criminosos que morreram por causa do crime, foram punidos porque escolheram o caminho errado. Mas, será que eles tiveram como escolher? Será que o governo e a sociedade olharam para eles enquanto crianças? Será que tiveram alguém que os orientassem para escolherem o caminho certo? Na maior parte das vezes a resposta é não. E é essa resposta que muitos deles devem ter escutado da sociedade e do Estado: Não!

### **Considerações finais**

Nas fotografias analisadas, observamos que, quando os adolescentes tiveram algum envolvimento com drogas e /ou com algum crime não há uma comoção por parte das mortes, como se fosse uma punição por eles terem se envolvido com o mundo do crime. Os adolescentes também são identificados com nome completo, idade, apelido e local onde residiam, o que pode causar constrangimento para seus familiares.

As imagens dos jovens mortos são chocantes, causam incômodo, vergonha, vexame em seus familiares e amigos. Observamos também que há um destaque para a polícia, que aparece em algumas fotografias em primeiro plano. Pelas vestimentas e pelos endereços das vítimas, percebe-se que se trata de adolescentes de baixa renda. É comum vermos na mídia as imagens de jovens “criminosos” pobres, mas é difícil vermos imagens de “criminosos” de classe alta. Mas, isso não se dá porque os pobres praticam mais crimes, mas sim porque os crimes praticados por pessoas de baixa renda são mostrados com mais frequência e em muitos casos, os direitos dessas pessoas são violados.

### **REFERÊNCIAS**

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 303-316.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes. 20 ed. 2001.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas Considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da Imagem**: fotografia, iconografia e vídeos nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998, p.197-211.

BRASIL, Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

CARLOS, E. D. S.; MENDES, M. L. G. C. . Adolescência em foco: representação imagética do jovem em situação de risco. **Culturas Midiáticas**, v. VI, p. 1-12, 2013.

CARLOS, Elenilda Dias de Souza. **Crianças e adolescentes vítimas de homicídio: a construção do sujeito no discurso das fotografias do jornal O Mossoroense**. Dissertação. Mossoró, RN: UERN, 2015.

COSTA ; MENDES, M. L. G. C. . Ordem discursiva na mídia impressa: as condições de produção da notícia. **Intersecções** (Jundiá), v. 6, p. 110-119, 2011.

ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei Nº 8.069, 13 de julho de 1990). Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 05 ago. 2015.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault**. Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos. Uberlândia, MG: ano 2, artigo n. 1, 2011.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros..pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf)>.

Acesso em: 08/10/2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro - São Paulo: 2009.

NASCIMENTO, Geraldo Maia. **Fatos e Vultos de Mossoró: Acontecimentos e Personalidades**. Mossoró: Fundação Vingt Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense).

OLIVEIRA, Geilson Fernandes; MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. **#PartiuRolé: análise das novas sociabilidades e regimes de visibilidade engendrados pelo fenômeno do rolezinho**. Anais do II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas - E-book. 1ed.Mossoró - RN: , 2014, v. 1, p. 615-630.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

TAVARES, Gilead Marchezi. **O dispositivo da criminalidade e suas estratégias**. Fractal: Revista de psicologia. Vol. 23, nº 1, 2011.

TRANQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed. 2005.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014: Os Jovens do Brasil**: CEBELA, 2014. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf). Acesso em: 25 out. 2015.

UNICEF. **VIOLÊNCIA NA MÍDIA: Excessos e avanços**. Disponível em <[http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_04.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf)>. Acesso em: 22.07.2015.